

# Questões textuais em adolescentes com Síndrome de Down<sup>1</sup>

ANA PAULA DE FREITAS

Fonoaudióloga do Centro de Desenvolvimento Integral/  
Fundação Síndrome de Down

MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO

Coordenadora Científico-Pedagógica do Centro de  
Desenvolvimento Integral/Fundação Síndrome de Down

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa realizado com apoio do CNPq, processo n.º Down. Projeto financiado parcialmente pelo CNPq - Processo: 820625/86-8.

<sup>2</sup> CUILLERET, M. *Le Language. Em: CUILLERET, M. Les trissomiques parminous ou les mongoliens ne sont plus.* Villeurbanne: Simep S.S., 1984, p. 45-62; MILLER, J.F. *Language and communication characteristics of children with down syndrome.* PUESCHEL, S.M. e outros. *New Perspectives on Down Syndrome.* London: Baltimore. Paul. H. Brookes Publishing Co., 1987, p. 233-262; BUCKLEY, S. SACKS, B. *The adolescent with down's syndrome - life for the teenager and for the family.* Portsmouth Polytechnic, 1987, p. 39-54.

<sup>3</sup> CUILLERET, M. *Le Language. Em: CUILLERET, M. Les trissomiques parminous ou les mongoliens ne sont plus.* Villeurbanne: Simep S.A, 1981, p. 45-62; MILLER, J. F. *Language and communication characteristics of Children with Down's syndrome.* PUESCHEL, S.M. et al. *New perspectives on Down syndrome.* London: Baltimore. London Paul H. Brookes Publishing Co. 1987, p. 233-262; BUCKLEY, B. *The adolescents with down's syndrome life for teenager and for the family.* Portsmouth: Polytechnic, 1987, p. 39-54.

Ao estudarmos a linguagem dos jovens com Síndrome de Down devemos pensá-la como um processo aonde o tempo todo a interação se faz presente e o papel do interlocutor assume lugar de destaque na constituição do discurso do indivíduo Down.

Vários pesquisadores<sup>2</sup> mostraram algumas das dificuldades de linguagem encontradas nesses indivíduos, tais como problemas em nível articulatório, da voz e da linguagem propriamente dita; dificuldades em nível de sintetização, em nível de expressão e dificuldades no domínio de todo complexo de regras gramaticais.<sup>3</sup>

Este estudo teve como objetivo analisar os aspectos conversacionais e de coerência da linguagem de jovens portadores da Síndrome de Down.

Vários estudos se preocuparam em descrever características de aquisição e desenvolvimento da linguagem de indivíduos portadores de Síndrome de Down, porém, poucos têm retratado as características de linguagem de jovens principalmente dentro de uma perspectiva interacional como Geraldini (1984), Lier (1983) e Orlandi (1987).<sup>4</sup>

Cuilleret (1987) descreveu diferentes níveis de dificuldade de linguagem deste indivíduo: em nível de compreensão há problema de abstração, de memória e de sintetização; em nível de expressão a ausência de laço lógico entre os diferentes enunciados acarreta muitas vezes uma impressão de incoerência, entretanto, quando se conhece o

objeto do discurso, constata-se que os dados são reais e a incoerência aparente é atribuída a falta de sintetização.<sup>5</sup>

Neste estudo procuramos investigar duas questões básicas: há coerência no texto oral de adolescentes com Síndrome de Down? Os momentos conversacionais são estabelecidos no diálogo destes adolescentes?

Tomamos o conceito de coerência como algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários, ou seja, na conversação; é impossível fazer a coerência recair apenas nas produções individuais. Além disso, a coerência é sempre global e torna possível o estabelecimento de unidades ou relação no texto. Ela é ao mesmo tempo semântica e pragmática e tem a ver com a produção do texto à medida que quem o faz deseja ser entendido por seus interlocutores.<sup>6</sup>

Um ponto que é discutido entre vários autores é o que diz respeito à seguinte questão: há textos incoerentes ou não? Há três fases no processo de construção de um texto coerente; se ocorrer falhas em alguma destas fases, pode-se criar incoerência. Na primeira fase, o falante possui uma intenção comunicativa, na segunda fase, o falante desenvolve um plano global que lhe possibilite conseguir que seu texto tenha êxito e na terceira fase, o falante realiza as operações necessárias para expressar verbalmente esse plano global.<sup>7</sup>

Para Koch e Travaglia (1989), não há o texto incoerente em si, o texto pode vir a ser incoerente em/para determinada situação comunicativa.<sup>8</sup>

Outro conceito relevante para nosso estudo é o da conversação.

A conversação consiste numa série de alternância de turnos na fala de duas ou mais pessoas. Para sustentar esta conversação as pessoas devem partilhar de um mínimo de conhecimento comum: aptidão lingüística, envolvimento cultural e domínio de situações sociais. Toda conversação é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados.<sup>9</sup>

Numa conversação é comum ocorrerem quebras e mudanças de tópico, tal mudança deve ocorrer com naturalidade e deve ser marcada por aquilo que se chama marcadores de introdução de tópicos (Exemplo: “isso me lembra aquela do...”: “sim, mas mudando de assunto...”, etc). Se não houver marcadores de mudanças de tópicos é possível que haja muitas pausas e hesitações e turnos quase mecânicos que indicam a mudança.<sup>10</sup>

Com relação ao conceito de conversação e suas implicações podemos concluir que a conversação também se estabelece na interação onde um momento conversacional se dá como algo dinâmico e, deste modo, o interlocutor assume seu papel de constituidor do referido momento.

Com base em tais considerações, este trabalho teve como foco principal a análise do texto lingüístico oral de adolescentes com Síndrome de Down, entendendo a coerência textual e conversação dentro de uma atividade dialógica, na interação.

4 GERALDI, J. W. *Concepção de linguagem e ensino de português. O texto na Sala de Aula*. 2ª ed. Cascavel: ASSOEST, 1984, p. 41-47; LIER M. F. A. F. *A constituição do interlocutor vocal*. São Paulo, 1983. [Dissertação – Mestrado em Linguística Aplicada ao ensino de Línguas, PUC/SP]; ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987. 276p.

5 CUIILLERET, M. *op. cit.*

6 KOCH, Ingedore C.V., TRAVAGLIA, L.C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989, 105p.; MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986, 94p.

7 KOCH, I.C.V.; TRAVAGLIA, L.C. *op. cit.*

8 KOCH, I.C.V.; TRAVAGLIA, L.C. *op. cit.*

9 STECH, E.L. The analysis of conversation topic sequence structure. *Semiótica*, V. XVII, 1982, p. 75-91; MARCUSCHI, L.A. *op. cit.*

10 MARCUSCHI, L.A. *op. cit.*

## MÉTODO

### Sujeito:

O sujeito inicial da pesquisa foi uma adolescente do sexo feminino, portadora da Síndrome de Down, que tinha vinte anos no início do estudo. Ela foi alfabetizada aos oito anos de idade.

No decorrer do estudo, foram incluídos três novos sujeitos, alunos de um mesmo grupo no Centro de Desenvolvimento Integral, local onde esta pesquisa foi realizada. Duas meninas, K e F, com doze e dez anos, respectivamente, e um menino com treze anos (VT). Todos estavam sendo alfabetizados.

### Local e Equipamento:

O estudo foi realizado no Centro de Desenvolvimento Integral, instituição sem fins lucrativos, mantido pela Fundação Síndrome de Down, com o objetivo básico de desenvolver estudos e pesquisas para, através de uma educação integrada, aprimorar o desenvolvimento de indivíduos com Síndrome de Down. O equipamento básico utilizado pelo observador foi um rádio-gravador Stereo RX-4974F (Panasonic), fitas cassetes (BASF-Ferro Extra I 60 minutos) e um cronômetro (Technos).

### Procedimento:

Foram realizadas gravações mensais com os quatro adolescentes com Síndrome de Down, de maneira que a cada semestre foi gravado um adolescente por mês. Foram gravadas conversas informais entre pesquisador e sujeitos. As gravações duraram em média trinta minutos. Após as gravações, as fitas foram transcritas seguindo-se a ortografia oficial relativamente aos enunciados dos sujeitos e pesquisador.

Os falantes foram indicados com siglas: AP = pesquisador; V = sujeito 1; VT = sujeito 2; K = sujeito 3 e F = sujeito 4.

Alguns sinais foram estabelecidos como regra geral por serem considerados úteis para a análise dos dados do sujeito:

- Pausas: pausas e silêncios foram indicados entre parênteses: para cada 0,5 segundos de pausas usou-se o sinal de "+". Exemplo: V - ...ih: (+) lá em Passos tá todo mundo (+) reunido a família do meu pai tá lá (+++) conversando...

- Alongamento de vogal: quando ocorreu um alongamento de vogal, colocou-se uma marca de (dois pontos) para indicá-lo. Exemplo: V - ...é::: ouvi os cantos dos pássaro...

- Repetições: reduplicação de letra ou de sílaba. A parte repetida foi duplicada. Exemplo: V - a gente não tinha como chega em/em/che/ a gente ia chegá no/no nosso sítio...

- Hesitações: as hesitações foram indicadas entre barras. Exemplo: V - ...jan/jan-amos lá fomos prá Passos do/domingo era aniversário do/do irmão do meu pai...

Indicação de transcrição parcial: foram usadas reticências no início e no final de uma transcrição para indicar que se estava transcrevendo apenas um trecho.

- Comentários do analista: para comentar algo que ocorreu, usou-se parênteses duplos no local da ocorrência.

Exemplo: ...((a avó entra na sala)) tia u vozinha...

- Sinais de Entonação: aspas duplas – para uma subida rápida (mais ou menos equivalente ao ponto de interrogação). Aspas simples – para uma subida leve (equivalente a uma vírgula ou ponto e vírgula). Aspas simples abaixo da linha – para descida leve ou brusca. Exemplo: V – nossa, ele adora, ele compro uma máquina ainda lá em Londres, ele tá doidaço prá i pro sítio (++) ((risos)) bom, agora do sítio eu já acabei viu (++)...

- Falas simultâneas: quando dois falantes iniciam ao mesmo tempo um turno, usam-se colchetes duplos no início do turno simultâneo. Ex.: AP:... e:

V: ficar dentro da sala...

- Sobreposição de vozes: quando a concomitância de fala não se dá desde o início do turno, mas à partir de um certo ponto, marca-se no local, com um colchete simples abrindo.

Exemplo: AP:...você colaram esses coraçõezinhos na parede

VT: pé/pé deixa eu falá...

### Definições de Categorias:

As categorias definidas foram baseadas na bibliografia pesquisada referente ao assunto.<sup>11</sup>

- 1 Quebra das regras conversacionais básicas. Segundo Marcuschi (1986), as regras básicas da conversação são fala por uma vez, quem tem a palavra e quando, uso de marcadores de introdução de tópico. Pode ocorrer do falante não respeitar tais regras ocasionando uma quebra na conversação.<sup>12</sup>

### Desestruturação dos atos de fala

Os atos de fala estão inseridos no turno conversacional; eles se realizam em movimentos sucessivos, são sequenciais. Quando, num mesmo turno, os atos de fala não possuem relação entre si, eles se encontram desestruturados.

### Desestruturação tópica

Ocorre quando o falante não responde e nem desenvolve os tópicos introduzidos pelo pesquisador. Pode ocorrer também do falante quebrar o tópico conversacional, os motivos da quebra do tópico podem ser: a chegada repentina de alguém, um fato qualquer que ocorre no contexto externo da conversação, uma repentina associação com algo bem diverso ou um problema qualquer que o falante introduz sem mais nem menos.

11 MARCUSCHI, LA. *op. cit.*; KOCH, I.C.V.; TRAVAGLIA, LC *op. cit.*; KOCH, I.C.V. *A coesão textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990. RIBEIRO, B.T. Papéis e alinhamentos do discurso pricótico. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas-Unicamp, v. 20, 1991, p. 113-118.

12 MARCUSCHI, LA. *op. cit.*

## ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada com base nas categorias levantadas. Transcrevemos abaixo amostras de falas dos sujeitos com Síndrome de Down com as descrições dos dados e discussões pertinentes a elas.

AP e V - Sujeito 1

(01) AP...eu tenho uma coisa que eu quero te contá,

(02) V ...pode falá,

(03) AP sabia quem que tá começando a: aprender aqui no CDI a ser auxiliar de professora igual a você' ‘

(04) V não,

(05) AP A Karina,

(06) V A: (++) eu não sabia,

(07) AP É a Karina, ela tá ficando na minha turma agora (++) , ela vai' ficar na minha turma uma vez por semana toda

(08) V: a: a Palmira' a mãe dela já me falou

(09) AP: A: a Palmira te falô”

(10) V: Falô,...

(11) AP:... e

(12) V: ficar dentro da sala olhando as crianças' fazendo relatório' (incompreensível) dá uma saudade, (++++) num agüento nem ficá parado no lugar ((risos)) sempre dá saudade (+++++)

(13) AP: E você acha que não vai voltar mais a trabalhar”

(14) V: Eu num sei ainda ((risos)) não sei se eu devo voltar aqui ((risos)) não sei, depende do (+++) dos professores (++) se eles quiserem eu fico...

Nesta amostra, encontramos alguns dos princípios conversacionais básicos: há uma distribuição de turnos entre os falantes, isto é, cada falante em seu respectivo turno. Em (02) o enunciado “pode fala” está funcionando como indicador para o falante tomar a sua vez e iniciar o próximo turno. A pausa de 3s em (12) é um marcador significativo para tomada de turno de AP.

Em (07) e (08) verificamos uma sobreposição de vozes, com conseqüente parada prematura do falante AP em favor do falante V. Ocorre em (11) e (12) a fala simultânea de AP e V, onde AP desiste em favor de V.

Muitas vezes, encontramos mecanismos reparadores quando ocorrem fala simultânea ou sobreposição de vozes entre os falantes. No exemplo abaixo:

AP e VT - Sujeito 2

(15) AP: ... o Victor e:

(16) VT: péra aí, (++) nome/nome professora do (++++) gatinho...

(17) AP: ... vocês colocaram esses coraçõezinhos na parede

(18) V. pé/pé deixa eu falá...

Aqui, tais mecanismos estão na forma de marcadores metalingüísticos “espera aí”, “deixa eu falar”, etc.

Estes marcadores determinam quem tem a vez no turno, normalmente o falante que usa tais mecanismos consegue tomar a vez.

AP e F - Sujeito 4

(19) AP: ... eu queria que você me contasse um pouco do passeio que vocês fizeram no parque ecológico, como foi esse passeio”

(20) F: esse passeio” tinha uma formiga lá embaixo’ no porão,

(21) AP: ahã,

(22) F: tem um porão né” tem formigas’ que eu vi com a Ciça’ com o Victor, o Victor conseguindo lê, a Ana Paula tava empurrando ele e depois ele começou a ler o que estava escrito, e depois a gente no parque ecológico, a gente, eu Fernanda Paes de Carvalho’ que trabalha’ bastante, e o Victor que tá conseguindo ler sozinho com a Ciça o que tá escrito, todas, a gente foi passeá, passeamos’ fez piquenique’ choveu’ deu um temporal’ e depois a gente ficou numa casinha de guarda, até esperar um pouco prá parar a chuva, depois (incompreensível) prá gente ir embora com o Martins, é isso...

No turno (22) encontramos vários atos de fala de Fernanda: “a gente foi passeá/ passeamos/ fez piquenique/ choveu/deu um temporal/ e depois a gente ficou numa casinha de guarda”.

Tais atos de fala não encontram-se desestruturados entre si, inclusive notamos o uso de seqüência temporal, mostrando recursos coesivos do turno. Ainda neste turno, F muda o tópico, faz um recorte e introduz o fato de Victor estar conseguindo ler e no final do turno retorna o tópico “passeio ao parque”. Há também o que nos pareça ser um problema conceitual, o uso que F faz do verbo trabalhar torna-se inadequado, podendo ser substituído por outro, como, por exemplo: estudar.

(23) AP e VT - Sujeito 2

AP: ... como é que foi o passeio ao parque ecológico”

(24) VT: a’ o parque ecológico” (+++) ta/tava bom,

(25) AP: o que aconteceu lá”

(26) VT: a:: já sei,

Eu fui a ca/ca/casa da vizinha né” da empregada, aí

(27) AP: foi aonde”

(28) VT: Eu fui a casa da: (+++) eu né” eu fui a ca/casa branca

(29) AP: ã”

(30) VT: Aí conheceu (++) lugar lá, (++) é isso,

- (31) AP: Foi na casa branca”  
 (32) VT: Fui,  
 (33) AP: Que casa branca”  
 (34) VT: a que/que/la casa branca a/aquela lá’ na: (incompreensível)  
 (35) AP: tinha o quê”  
 (36) VT: Eu fui lá’ numa casa branca’ é a frente’ eu fui lá ver,  
 (37) AP: o que tinha nessa casa”  
 (38) VT: tinha mesa tudo (+ +) tem quarto de cadeia (+ +) tem um monte de quarto de cadeia  
 (39) AP: um monte do que”  
 (40) VT: mon/monte quarto de cadeia,  
 (41) AP: quarto de cadeia”  
 (42) VT: ahã/ ahã  
 (43) AP: cadeia de ladrão”  
 (44) VT: ahã/ ahã  
 (45) AP: tá bom’ que mais”  
 (46) VT: que mais”(+++) tinha negócio né” (uma pessoa entra na sala e interrompe a gravação)  
 (47) AP: bom’ vamos continuar que mais que tinha lá na casa então Victor”  
 (48) VT: tinha um monte de coisa conhecida...

Nesta amostra encontramos uma distribuição de turnos entre os falantes. Em (26) VT muda o tópico da conversação, porém, em (27) AP interrompe VT com uma sobreposição de vozes e VT retoma o tópico inicial: passeio ao parque. É relevante o papel de mediador assumido por AP, que modela e modifica suas perguntas e comentários, a fim de dar suporte para VT falar sobre o passeio ao parque. A pergunta de AP no turno (27) está funcionando como resgate tópico.

Novamente no turno (31) AP retoma o que VT falou no turno (28) para atribuir algo e novamente buscar manter o tópico.

Em (35) e (37) a palavra “tinha” usada por AP é apropriada pelo sujeito VT no turno (46) onde observamos o processo de negociação e a atividade dialógica entre pesquisador e sujeito, tomando o tópico coerente.

#### AP e K - Sujeito 3

- (49) AP: ... bom Ká’ eu queria que você me contasse do passeio que vocês fizeram ao Bosque dos Jequitibás  
 (50) K: a:: vi muitos bichos lá,  
 (51) AP: como é que foi o passeio”  
 (52) K: foi bom,  
 (53) AP: ã”

(54) K: passei bastante lá, vi é: arara' hipopótamo lá (+ +) e: bastante coisa lá, tem o porco também,

(55) AP: porco"

(56) K: é,

(57) AP: é"

(58) K: vi um monte de coisa lá, (+ +) não tinha pavão' não tinha nada,

(59) AP: não tinha pavão"

(60) K: não,

(61) AP: antes tinha pavão lá no bosque"

(62) K: tinha,

(63) AP: será que ele morreu"

(64) K: não sei,

(65) AP: quem deu a idéia de ir passear lá no Bosque dos Jequitibás"

(66) K: É:: (+ +) lá no bosque "(+ +) tem muito bicho lá, que teve uma idéia de vê lá, é: é muitos bichos lá, hipopótamo e: (+ +) hipopótamo' tartaruga também (+ +) e: jacaré, um monte de coisa lá...

Nesta amostra, é interessante notarmos o processo usado por AP e K para se manter o tópico conversacional.

O sujeito K começa a descrever o passeio, entretanto, no turno (51) AP quebra o tópico e refaz a pergunta sobre o passeio, K aceita a imposição feita por AP, e retorna nos turnos (52) e (54) a sua fala apropriando-se de parte da fala de AP no turno anterior.

Em (58) notamos uma incoerência de K – “vi um monte de coisa – não tinha nada”.

Nos turnos (59) a (64) K e AP prosseguem o diálogo com manutenção tópica e coerência.

Em (65) AP muda o tópico, uma vez que no turno (64) K encerra um assunto.

Em (66) K não responde a questão proposta por AP, entretanto, apropria-se de parte de fala de AP em (65), retoma tópicos ditos em turnos anteriores, ou seja, de algum modo ela responde a questão.

#### AP e F - Sujeito 4

(67) ... o que você mais gostou de ver neste passeio"

(68) F: no passeio" eu gostei dos bichinhos' da formiga' e a gente passou' fez piquenique, o Victor e eu, a mulher falou prá gente vê' depois eu vi a casinha do Mickey.

(69) AP: lá tem casa do Mickey"

(70) F: tem, no parque ecológico tem casa do Mickey, eu vi o Mickey' é super engraçado fazendo assim, Pluto' eu fui viajar com a minha mãe né" e depois eu falei por Martins me busca na perua" na moto e o Martins' quando chegou no CDI' falou prá mim que o Jorge tava a fim de você e a gente e o Jorge fica falando besteira igual o Jonas falava,

(71) AP: tem mais alguma coisa”

(72) F: não, vamos ouvir” e ...

No turno (68), F introduz o novo tópico... Vi a casinha do Mickey..., em (69) AP dá continuidade a esse tópico e em (70) notamos que a quebra de tópico realmente ocorreu à medida que Mickey funciona como palavra desencadeadora da recordação de fato ocorrido no passado: Viagem de F à Disneyworld, no mesmo turno F quebra o tópico novamente e introduz o assunto Martins fugindo totalmente do tópico em questão.

O que nos parece claro nesta amostra é que a pesquisadora AP não participou do turno (70), isto é, não houve mediação, a pesquisadora não retomou o tópico inicial e nem modelou a fala do sujeito F, desta maneira, notamos nesta amostra incoerência na fala do referido sujeito.

## DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Os dados analisados nos fazem retomar as questões iniciais: há coerência no texto oral de adolescentes com Síndrome de Down? Os momentos conversacionais são estabelecidos no diálogo desses adolescentes?

Isso pode ser observado através da análise das categorias: quebras de regras conversacionais, desestruturação tópicas e de atos de fala e pensando na linguagem como processo, onde a atividade dialógica se faz presente e o interlocutor assume papel de mediador da linguagem do indivíduo com Síndrome de Down.

Notamos que a coerência nessas amostras de fala ocorre à medida que o sujeito e pesquisador encontram-se engajados numa situação comunicativa onde a interação se estabelece. Nos momentos em que o pesquisador não assume o papel de mediador e que o assunto em questão não é de seu conhecimento prévio, o estabelecimento da interação não ocorre e a fala do sujeito torna-se incoerente. Isto não é o que normalmente ocorreria entre duas pessoas envolvidas numa situação de diálogo, pois uma poderia falar vários minutos sem necessitar de mediação do ouvinte. No caso do jovem com Síndrome de Down, isto não ocorre embora esses indivíduos tenham respeitado regras básicas de conversação e mudanças e quebras de tópicos tenham ocorrido após pausa ou palavras que desencadeavam outro assunto.

Concluimos com este estudo que jovens com Síndrome de Down apresentam coerência em seu texto oral nas situações de conversação. No entanto, para que o diálogo flua e não se torne incoerente é fundamental a presença de mediador apto a resgatar o tópico daquilo que está sendo dito. Isto é, é necessário que o ouvinte esteja disponível para escutar aquilo que o jovem deseja falar e que se interesse e dê importância ao assunto.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BUCKLEY, S, SACKS, B. *The adolescent with down's síndrome – life for the teenager and for the family*. Portsmouth Polytechnic, 1987, p. 39-54. 165p.
- CUILLERET, M. Le Language. Em: CUILLERET, M. *Les trissomiques parminous ou les mongoliens ne sont plus*. Villeurbanne: Simep S.S., 1984, p. 45-62.
- GERALDI, J.W. *Concepção de linguagem e ensino de português*. Em texto na Sala de Aula. 2ª ed. Cascavel: ASSOEST, 1984, p. 41-47.
- KOCH, Ingedore C.V. *A coesão textual*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1990. 75p.
- KOCH, Ingedore C.V., TRAVAGLIA, L.C. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1989. 107p.
- LIER, M.F.A.F. *A constituição do interlocutor vocal*. São Paulo, 1983. [Dissertação de Mestrado em Linguística aplicada ao Ensino de Línguas – PUC]
- MARCUSCHI, L.A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986. 94p.
- MILLER, J.F. *Language and communication characteristics of children with down syndrome*. PUESCHEL, S.M. e outros. *New Perspectives on Down Syndrome*. London: Baltimore. Paul. H. Brookes Publishing Co., 1987, p. 233-262.
- ORLANDI, E.P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2ª ed. rev. e aum. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987, p. 276.
- RIBEIRO, B.T. Papéis e alinhamentos no discurso psicótico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: Unicamp, v. 20, p. 113-118, 1991.
- STECH, Ernest L. The Analysis of Conversation Topic Sequence Structure. *Semiótica*, v. 12, p. 75-91, 1982.